



DISCURSO E SEXUALIDADE NA ESCOLA: A VOZ DOS DISCENTES

Ana Maria de Carvalho; Caroline Aires de Macêdo

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Emails: carvalhoana1@hotmail.com;
carolineaires04@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este estudo faz parte do Projeto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC/UERN, intitulado *(Des)construção de práticas discursivas sobre a sexualidade na escola*, aprovado conforme Edital nº 008/2014 - DP/PROPEG/UERN, Edição 2015/2016, publicado em 02/07/2015. Por sua vez, está vinculado à linha de pesquisa *Estudo dos processos de produção identitária e de modos de subjetivação na contemporaneidade*, do Grupo de Estudos do Discurso da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – GEDUERN.

O objetivo principal desta pesquisa é investigar como a questão da sexualidade é tratada no ambiente escolar, ou seja, como é discursivizada nesse campo que se institui como um importante lugar de formação para o exercício da cidadania e, por conseguinte, para o tratamento pedagógico desse desafio educacional contemporâneo. A problemática da sexualidade, que define as linhas centrais deste trabalho, representa uma das questões que muito nos inquieta ao refletir sobre o seu tratamento hoje, no âmbito escolar: como esta temática vem sendo discursivizada na escola? Em qual perspectiva se ancora a prática pedagógica no tratamento dos temas relativos à sexualidade? Na tentativa de responder a esses questionamentos, tomamos como base os documentos oficiais, como o volume 10 dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, que trata da Orientação Sexual e o volume 4 dos Cadernos SECAD, lançados pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Também nos apropriamos dos construtos teóricos de Foucault (2005; 2011), no que se refere à sexualidade, e das contribuições advindas da área educacional, na qual se destacam Sayão (1997), Batista (2008) e Santos (2007), entre outros estudiosos que têm pesquisado sobre a sexualidade no contexto escolar.

Nesse sentido, investigar como é tratada a questão da sexualidade na Escola não é uma escolha neutra, mas referenda uma postura pedagógica e política que compreende uma determinada



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

visão de mundo, de sociedade, de sujeito histórico, de prática social, de cultura e de linguagem. Na escola, como em qualquer outra instância, a abordagem da sexualidade deve ser sistemática, contínua e politicamente interessada com a crítica desses modelos de desigualdades, seja esta sexual, de gênero, de etnia/raça, de geração de classe, de religião, entre outros.

Dessa maneira, intenta-se contribuir com a comunidade escolar no sentido de incitá-la a discutir a multiplicidade e o respeito às diversas formas de viver a sexualidade.

ASPECTO METODOLÓGICO

Quanto à natureza dos dados, este estudo se configura em uma pesquisa de cunho qualitativo, um tipo de investigação que se preocupa com a interpretação do fenômeno, considerando, sobretudo, o seu significado e sua relevância para os estudos da linguagem, exigindo, dessa forma, uma abordagem interpretativista na apresentação e análise dos dados (BAUER e GASKELL, 2008).

Quanto aos procedimentos analíticos dos dados esta pesquisa tem por base os pressupostos teóricos e epistemológicos da Análise do Discurso de orientação francesa (AD), campo do saber que considera que “os estudos discursivos visam pensar o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do ser humano” (ORLANDI, 2001, p. 16). Dito de outra forma, trata-se de uma perspectiva transdisciplinar nos estudos da linguagem, que busca articular a linguística com outras áreas do campo das ciências humanas e sociais e que se propõe a estudar os discursos enquanto acontecimentos sociais, históricos e culturais, ou seja, toma os discursos no âmbito de sua exterioridade, vendo sua movimentação nas ações praticadas por sujeitos historicamente situados. Nessa direção, o analista do discurso trabalha com enunciados efetivamente produzidos na intenção de compreender as condições que permitiram sua emergência em certo momento histórico.

Assim, para construção dos dados foi utilizado um questionário, aplicado com alunos de uma turma de 3º ano do Ensino Médio, de uma escola da rede estadual, da cidade de Mossoró-RN. Esse questionário foi constituído de 10 (dez) perguntas relacionadas à questão de gênero e de sexualidade, das quais utilizamos as respostas das duas últimas para este trabalho. Participou deste questionário um total de 19 (dezenove) estudantes, dos quais 9 (nove) são do sexo masculino e 10 (dez) do sexo feminino, com faixa etária que varia de 16 (dezesesseis) a 21 (vinte e um) anos.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

SEXUALIDADE NA ESCOLA

A categoria sexualidade é aqui tomada aos modos foucaultiano, como um construto histórico, social e cultural. Isso significa que não é um dado natural que o poder tenta controlar, ou como um domínio que o conhecimento tenta gradativamente desvendar. Assim, enquanto construção histórica, concebida em determinado tempo, época específica, num certo contexto, a sexualidade é, como denomina Foucault (2005), um "*dispositivo histórico*", uma invenção social, constituída de variados discursos sobre o sexo, os quais normatizam, regulam e produzem "verdades".

Dispositivo para o filósofo significa:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não-dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (FOUCAULT, 2011, p. 244).

Em outras palavras, compreendem-se por dispositivo da sexualidade práticas discursivas e não discursivas, saberes e poderes que objetivam controlar, normatizar e estabelecer “verdades” em relação ao corpo e seus prazeres. Tal dispositivo, com suas verdades e valores morais, estabelecem aquilo que deve ser praticado e interfere tanto nas construções individuais em relação aos prazeres e ao corpo quanto na constituição de subjetividades.

Para tal dispositivo, o qual se inscreve em um jogo de poder e está ligado a configurações de saber, o que é pertinente são as sensações do corpo, a qualidade dos prazeres e a natureza das impressões, e tem, como razão de ser, o inventar, inovar, proliferar, penetrar nos corpos e controlar, de forma mais global, as populações (FOUCAULT, 2005). É, portanto, por meio do “dispositivo” que a sexualidade é regida, bem como o sexo (ato sexual), disciplinado.

Nesses termos, a sexualidade se institui como o conjunto dos fenômenos da vida sexual, conceito cultural, formado tanto pela qualidade como pela significação do sexo (BATISTA, 2008).

Assim, o objetivo principal no trabalho de orientação sexual é permitir que crianças e adolescentes compreendam a sexualidade como um aspecto positivo e natural da vida humana, proporcionando-lhes a livre discussão das normas e padrões do comportamento com relação ao sexo, debatendo suas atitudes pessoais diante de sua própria sexualidade. Nessa direção, a abordagem sobre a sexualidade não se restringe apenas às questões biológicas e reprodutivas, deve



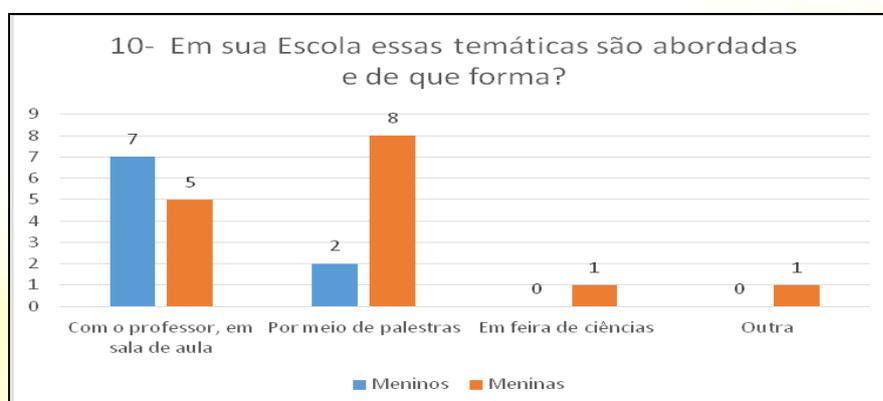
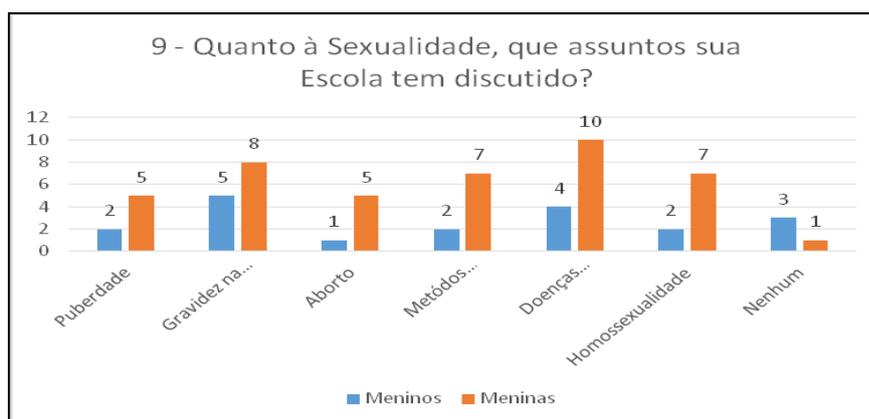
III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

incluir também amplos questionamentos sobre o sexo, seus valores, os aspectos preventivos, contribuindo na formação da personalidade e exercício da cidadania.

Conforme preconizam os PCNs, a finalidade do trabalho de Orientação Sexual é contribuir para que os alunos possam exercer sua sexualidade com responsabilidade e prazer. Além de contribuir para o conhecimento e valorização dos direitos sexuais e reprodutivos, favorece na prevenção do abuso sexual e da gravidez indesejada e possibilita, de forma mais eficaz, a realização de ações preventivas das doenças sexualmente transmissíveis/Aids. E, dentro de uma perspectiva democrática e pluralista, ao promover discussões de temáticas polêmicas como masturbação, aborto, prostituição, pornografia, homossexualidade, fortalece o bem-estar de crianças e de jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura (BRASIL, 1997).

Com esse entendimento, refletimos acerca da percepção dos alunos quando foi perguntado: “Quanto à questão da sexualidade, que assuntos a Escola tem discutido?” e “Em sua escola, essas temáticas são abordadas e de que forma?”, conforme se verifica nos gráficos a seguir:





III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Como podemos verificar, são vários os assuntos, apontados pelos alunos, que são discutidos na escola, como puberdade, gravidez na adolescência, aborto, métodos anticoncepcionais, doenças sexualmente transmissíveis e suas formas de prevenção e homossexualidade, embora quatro alunos responderam que “nenhum” assunto é discutido. Essa discussão se dá por vários meios, através do professor em sala de aula, em palestras e Feira de Ciências.

Assim, a Orientação Sexual na escola se revela, conforme indica Yara Sayão (1997), como um processo de intervenção planejado e intencional que inclui tanto os esclarecimentos das dúvidas, como a ressignificação das informações e valores vivenciados no percurso da vida de cada criança ou jovem. Para a autora, essa orientação deve se adequar à faixa etária dos alunos, atendendo, assim, às suas necessidades e capacidades cognitivas particulares. Dessa forma, a proposta é a de que o programa de Orientação Sexual seja construído a partir das questões e dúvidas trazidas pelos alunos e que atenda aos três eixos temáticos apontados pelos PCNs, quais sejam: Corpo: matriz da sexualidade; Relações de gênero; Prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/Aids.

Na opinião de Santos (2007), o tratamento pedagógico desses temas relativos à sexualidade precisa levar em consideração também as reproduções de padrões sociais feitas na escola. Tais reproduções, muitas vezes, fundamentam-se no senso comum, são influenciadas por uma infinidade de fatores culturais relacionados a crenças e valores pessoais, legitimando, assim, a família patriarcal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que a escola deve optar por uma pedagogia inclusiva que, em suas práticas cotidianas, leve em consideração a diversidade de identidades existentes no tecido social, apoiando-se, pois, em um currículo que esteja envolvido centralmente nas questões da pessoa humana: naquilo que somos, naquilo que nos tornamos.

Pensando numa formação crítica dos estudantes, a escola tem o dever de trabalhar, dentre outras questões, aquelas relacionadas ao gênero, à sexualidade, à diversidade sexual, ao erotismo. O seu papel é de abrir espaço para que a pluralidade de concepções, valores e crenças sobre sexualidade possa se expressar. Na escola, como em qualquer outra instância, a abordagem da sexualidade deve ser sistemática, contínua e politicamente interessada com a crítica desses modelos de desigualdades, seja esta sexual, de gênero, de etnia/raça, de geração de classe, de religião, entre outros.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

É necessário, portanto, que na comunidade escolar seja promovida a reflexão, discussões e debates sobre essa temática, objetivando a sistematização da ação pedagógica, para permitir à criança e ao jovem estudante uma Orientação Sexual não-diretiva, com base no respeito à diversidade sexual e de gênero. Dessa maneira, contribuirá para combater toda espécie de preconceitos e permitirá aos educandos que possam exercer sua sexualidade com responsabilidade e prazer.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Cláudia Aparecida. **Educação e sexualidade**: um diálogo com educadores. São Paulo: Ícone, 2008.

BAUER, Martin W. e GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 7. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD/MEC. HENRIQUES, Ricardo, et al. (Orgs.). **Cadernos SECAD**: Gênero e diversidade sexual na escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos. Brasília: SECAD/MEC, n. 4, maio 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**: a vontade de saber. 16. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005. (vol. 1).

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 29. reimp. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2001.

SAYÃO, Yara. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, Julio Groppa. **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. 6. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1997, p. 107-117.

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos. A Educação Sexual na escola: algumas possibilidades didático-metodológicas. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento da Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. **Sexualidade**. Curitiba: SEED, 2009, p. 59-71.